

## DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM

### **CIC 671-672: vivemos à espera que tudo Lhe seja submetido**

**671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (*Lc* 21, 27)<sup>1</sup> pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal<sup>2</sup>, embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido<sup>3</sup>, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»<sup>4</sup>. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia<sup>5</sup>, para que se apresse o regresso de Cristo<sup>6</sup>, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (*Ap* 22, 20)<sup>7</sup>.

**672** Cristo afirmou, antes da sua ascensão, que ainda não era a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel<sup>8</sup>, o qual devia trazer a todos os homens, segundo os profetas<sup>9</sup>, a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho<sup>10</sup>; mas é também um tempo ainda marcado pela «desolação»<sup>11</sup> e pela provação do mal<sup>12</sup>, que não poupa a Igreja<sup>13</sup> e inaugura os combates dos últimos dias<sup>14</sup>. É um tempo de espera e de vigília<sup>15</sup>.

### **CIC 988-991: os justos viverão para sempre com Cristo Ressuscitado**

**988** O Credo cristão – profissão da nossa fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e na sua acção criadora, salvadora e santificadora – culmina na proclamação da ressurreição dos mortos no fim dos tempos, e na vida eterna.

<sup>1</sup> Cf. *Mt* 25, 31.

<sup>2</sup> Cf. *2 Ts* 2, 7.

<sup>3</sup> Cf. *1 Cor* 15, 28.

<sup>4</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

<sup>5</sup> Cf. *1 Cor* 11, 26.

<sup>6</sup> Cf. *2 Pe* 3, 11-12.

<sup>7</sup> Cf. *1 Cor* 16, 22; *Ap* 22, 17.

<sup>8</sup> Cf. *Act* 1, 6-7.

<sup>9</sup> Cf. *Is* 11, 1-9.

<sup>10</sup> Cf. *Act* 1, 8.

<sup>11</sup> Cf. *1 Cor* 7, 26.

<sup>12</sup> Cf. *Ef* 5, 16.

<sup>13</sup> Cf. *1 Pe* 4, 17.

<sup>14</sup> Cf. *1 Jo* 2, 18; 4, 3; *1 Tm* 4, 1.

<sup>15</sup> Cf. *Mt* 25, 1-13; *Mc* 13, 33-37.

**989** Nós cremos e esperamos firmemente que, tal como Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos e vive para sempre, assim também os justos, depois da morte, viverão para sempre com Cristo ressuscitado, e que Ele os ressuscitará no último dia<sup>16</sup>. Tal como a d'Ele, também a nossa ressurreição será obra da Santíssima Trindade:

«Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós» (*Rm 8, 11*)<sup>17</sup>.

**990** A palavra «carne» designa o homem na sua condição de fraqueza e mortalidade<sup>18</sup>. «Ressurreição da carne» significa que, depois da morte, não haverá somente a vida da alma imortal, mas também os nossos «corpos mortais» (*Rm 8, 11*) retomarão a vida.

**991** Crer na ressurreição dos mortos foi, desde o princípio, um elemento essencial da fé cristã. «A ressurreição dos mortos é a fé dos cristãos: é por crer nela que somos cristãos»<sup>19</sup>:

«Como é que alguns de entre vós dizem que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé. [...] Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram» (*1 Cor 15, 12-14.20*).

#### **CIC 1036, 2612: vigiamos assiduamente à espera do regresso do Senhor**

**1036** As afirmações da Sagrada Escritura e os ensinamentos da Igreja a respeito do Inferno são um *apelo ao sentido de responsabilidade* com que o homem deve usar da sua liberdade, tendo em vista o destino eterno. Constituem, ao mesmo tempo, um *apelo urgente à conversão*: «Entrai pela porta estreita, pois larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição e muitos são os que seguem por eles. Que estreita é a porta e apertado o caminho que levam à vida e como são poucos aqueles que os encontram!» (*Mt 7, 13-14*):

«Como não sabemos o dia nem a hora, é preciso que, segundo a recomendação do Senhor, vigiemos continuamente, a fim de que, no termo da nossa vida terrena, que é só uma, mereçamos entrar com Ele para o banquete de núpcias e ser contados entre os benditos, e não sejamos lançados, como servos maus e preguiçosos, no fogo eterno, nas trevas exteriores, onde “haverá choro e ranger de dentes”»<sup>20</sup>.

**2612** Em Jesus, «o Reino de Deus está perto». Ele apela à conversão e à fé, mas também à *vigilância*. Na oração, o discípulo vela, atento Àquele que é e que vem, na memória da sua primeira vinda na humildade da carne e na esperança da sua segunda vinda na glória<sup>21</sup>. Em comunhão com o Mestre, a oração dos discípulos é um combate; é vigiando na oração que não se cai na tentação<sup>22</sup>.

<sup>16</sup> Cf. *Jo 6, 39-40*.

<sup>17</sup> Cf. *1 Ts 4, 14; 1 Cor 6, 14; 2 Cor 4, 14; Fl 3, 10-11*.

<sup>18</sup> Cf. *Gn 6, 3; Sl 56, 5; Is 40, 6*.

<sup>19</sup> TERTULIANO, *De resurrectione mortuorum* 1, 1: CCL 2, 921 (PL 2, 841).

<sup>20</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.

<sup>21</sup> Cf. *Mc 13; Lc 21, 34-36*.

<sup>22</sup> Cf. *Lc 22, 40.46*.